

POLÍBIO ALVES: O FASCÍNIO DO VIVIDO NA PERSPECTIVA DE UMA ESCRITA DE SI: fragmentos de uma pesquisa

Ana Cláudia Cruz Córdula¹

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira²

RESUMO:

Compreendendo os arquivos pessoais como territórios de narrativas memorialísticas, capazes de expressar a trajetória de vida de um indivíduo ou de uma organização, a presente pesquisa debruça-se sobre o acervo pessoal ainda inexplorado do escritor paraibano Políbio Alves. Tendo como escopo construir a sua trajetória literocultural e social, sob a perspectiva da escrita de si, buscando revelar os escritos de uma trajetória, estabelecendo-se uma rede de significados e de descobertas, o que nos permite atribuir-lhe um valor autobiográfico. Para tanto, adotar-se-á como pressuposto metodológico a pesquisa qualitativa do tipo documental associada à história oral de vida como método. O levantamento preliminar até então realizado nos conduz à afirmativa de um escritor com características próprias, singular na escrita, um verdadeiro operário da letra. Políbio Alves escreve, para além de suas obras, permitindo a escrita de seus “eus” através de seu acervo pessoal, nas entrelinhas dos ditos e dos não ditos.

Palavras-chave: Memória. Arquivo Pessoal. Políbio Alves. Escrita de Si. Autobiografia.

ABSTRACT:

Personal archives are understood as memory narrative territories able to express an organization's or individual's life journey, so the current piece of research is based on the personal archive, still unexplored, of the writer, from Paraíba, Políbio Alves. As the scope is to construct his literate, cultural and social trajectory under the perspective of self-writing, it intends to reveal the writings of a trajectory by establishing a relation of meanings and discoveries which enables us to attribute to it an autobiographic value. Therefore, as methodological foundation the qualitative research of documental type will be adopted, being associated with the oral history of life as method. The preliminary survey carried out, so far, leads us to a declaration of a writer with his own characteristics, being unique in his writing, a real letter craftsman. Políbio Alves writes beyond his works enabling the writing of his “selves” by means of his personal archive, between the lines of the “already-said” and the “not-said”.

Keywords: Memory. Personal Archive. Políbio Alves. Self-writing. Autobiography.

1 PROSAS INICIAIS

A presente pesquisa ancora-se no acervo pessoal do escritor Políbio Alves, concebendo-o como campo informacional para a construção da memória e, paralelamente, como espaço facilitador para recuperação e disseminação das informações que o permeiam.

¹ Arquivista pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Doutora em Letras pela UFPB e orientadora da Dissertação.

Belloto (1996) nos chama atenção ao relatar que, na contemporaneidade, os arquivos pessoais vêm inspirando e documentando trabalhos acadêmicos e de ficção (literatura e cinema), dando origem a exposições e motivando a publicação de instrumentos de pesquisa, assim como a realização de seminários, inclusive de âmbito internacional, demonstrando a dinamização e o crescimento dos recolhimentos, da organização e da disponibilização dos documentos de origem privada em entidades especializadas, públicas ou particulares.

No decorrer deste estudo, transitamos sobre a memória “viva” do escritor Políbio Alves, no intuito de disseminá-la. Dessa forma, o arquivo pessoal do referido escritor constitui uma memória a ser decifrada que pode, à medida que for sendo explorado, informar sobre aspectos até então ignorados sobre ele e suas relações sociais.

Na perspectiva de desnudar a trajetória e o legado do escritor, seguimos desvendando as informações que permeiam o arquivo dele, descobrindo-se desde o primeiro contato, a identidade que Políbio Alves assume enquanto arquivista de ofício. Sua vontade de guarda não é suficiente para provar essa forte veia que o escritor assume. O arquivo pessoal extremamente organizado, de acordo com as tipologias e cronologia, revela a identidade arquivística de Políbio. Nesse sentido, sabemos que ao longo da vida as pessoas guardam documentos que testemunham alguns momentos importantes, trazendo à tona suas relações pessoais, familiares e profissionais, seus gostos, interesses e hábitos. Percebendo-se que a visão de Políbio Alves vai além desses muros, ele carrega consigo a necessidade de guardar à sua maneira e organização, a própria memória registrada em recortes de jornais, fotografias, comendas, honrarias, gravações de vídeo, entre outros.

Políbio segue arquivando a própria vida conforme, Philippe Artières (1998, p.11) afirma: “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social, a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”.

2 ARQUIVO PESSOAL POLÍBIO ALVES: a presentificação da escrita de si

O Arquivo Privado Pessoal de Políbio Alves é o seu mundo, silenciado e permitido das coisas que ele mesmo confiou à própria memória, onde deixa seus riscos e rabiscos, um rico legado que permite desvelar fatos marcantes de sua história de vida. Assim como afirma

D'Araujo (1996, p.189): “A guarda do papel³ escrito é a guarda da vida contida no papel [...] guardam-se [...] o que contém a vida.”

Trabalhar com os arquivos pessoais reflete a capacidade de anunciação de um pensamento, reflexão de uma história de vida, lastros de uma trajetória. Logo, ao analisarmos a documentação que o compõe, nos deparamos com fontes que permitem compreendermos as relações estabelecidas entre as representações subjetivas do seu titular, além da memória que se estabelece sobre documentação através dele próprio. Nesse sentido, trabalhar com o acervo pessoal do escritor Políbio Alves possibilita-nos descortinar dimensões do “vivido” camufladas nas entrelinhas das memórias. Conforme afirma Artiéres (1998, p.31),

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo.

Dessa forma, ao pensar a autobiografia sob a perspectiva memorialística, remetemo-nos à definição: “autobiografia é a narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular, a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). Assim, tomando por análise as categorias: retrospectiva, pessoa real, história de vida e personalidade; podemos cotejar princípios norteadores da nossa pesquisa.

Em consonância com Lejeune (2008), os estudiosos Costa e Silva (2011, p.238) relatam: “[...] uma autobiografia não é uma vida. Uma autobiografia é uma reinvenção do vivido.” Dessa feita, a formação do próprio acervo tomado por uma seleção do produtor já representa um pressuposto da construção da escrita autobiográfica. Nesse sentido, os documentos acumulados foram selecionados como registro intencional do almejar ‘ser conhecido’, do caminho que deverá ser revelado, mesmo quando se leva em consideração o “estatuto social” (BOURDIEU, 1996) desses documentos.

Para Assis (2009), a intencionalidade é uma das características marcantes na composição do arquivo pessoal. Esta comunga também com o caráter íntimo do seu produtor, revelando-se através da documentação não apenas as funções no contexto público, bem como

³ O ‘papel’ a que nos referimos, relaciona-se ao acervo, não implicando apenas nos documentos de papel, mas sim, a qualquer tipologia documental que o compõe. E que nos permite igualmente narrar os seus ‘escritos’, possibilitando acesso às memórias do escritor.

a sua visão de mundo, o mundo em que ele vive, como ele vive, seus sentimentos, opiniões, desvendando-se também aspectos da sua personalidade. Nesse sentido, ter acesso ao arquivo pessoal é também ter acesso à sua vida íntima.

Logo, percebemos que, apesar de o acervo pessoal ser dotado, muitas vezes, de um silêncio, à medida que ele é aberto ao público, rompe-se esse silêncio, permitindo a percepção de seu titular, enquanto organizador de sua própria história.

No intuito de descortinar os labirintos do acervo pessoal de Políbio Alves, fomos a convite do escritor, conhecer seu significativo acervo. Enfatizamos que os documentos que o compõem refletem os vestígios da sua vida, resquícios de fatos vividos, habitando até então em um refúgio de intimidades, presentes no anonimato, ao considerarmos o ineditismo deste acervo ao público.

Ao debruçarmos sobre seus meandros, o arquivo deixa de ser um lugar secreto, passando a assumir um caráter público, uma vez que está sendo tomado pelo viés autobiográfico, possibilitando remontar ao público a singularidade de sua trajetória.

O acervo pessoal do escritor encontra-se no seu cotidiano, situando-se na própria residência de Políbio Alves, localizado no município de Cabedelo - PB, a 18 km da capital paraibana. Bem recebida em seu domicílio, que passamos a descrevê-lo como um lugar mágico, recheado de objetos pessoais, coleções sacras, diversas telas, esculturas, comendas, enfim um acervo documental, dotado de cor, forma, cheiro e textura. Podemos dizer, então, que deparamo-nos com um turbilhão de fontes de informação que carregam consigo o contexto memorial, vinculado através do próprio titular.

Passemos a percebê-lo enquanto espaço confessional, ativo, vivo, capaz de desvelar informações que remontam ao traçado autobiográfico do escritor. Assim, reconstituir a trajetória de vida de Políbio Alves através deste acervo é, antes de tudo, uma forma de enunciar a sua vida, o seu legado para a cultura paraibana no viés literário; é permitir sua representação, seu reconhecimento, testemunho vivo de sua atuação literária, social e cultural, não apenas na Paraíba, mas no Brasil e também no exterior.

No primeiro momento, procura-se compreender a lógica do acervo composto, basicamente por cinco gêneros documentais⁴: textual, bibliográfico, iconográfico,

⁴ Para classificação da documentação, consideramos como indicativo teórico a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE), que considera os seguintes gêneros documentais: bibliográfico; cartográfico; eletrônico; filmográfico; iconográfico; micrográfico; sonoro e tridimensional.

filmográfico e objetos tridimensionais. Trata-se de um acervo como representação de uma “coleção de si”, conforme Ribeiro (1998) afirma, sendo um “meio mais direto de preservar-se”.

A escrita de si pode ser percebida como um rastro do movimento social, que pode ser construída a partir de experiências vividas, evocadas à medida que recuperamos as informações que permeiam o anonimato dos documentos. Nesse sentido, será considerada a funcionalidade dos documentos que compõem o acervo de Políbio Alves, enquanto fontes confessionais, assinadas e autorizadas pelo seu produtor.

3 POLÍBIO ALVES: sua trajetória, seu legado

Nas primeiras investigações, encontramos Políbio Alves dos Santos, brasileiro, paraibano, nascido no bairro de Cruz das Armas, na cidade de João Pessoa-PB, em 8 de Janeiro de 1941. Desde criança se identificou com as “letras”, adorava ler, e já escrevia suas poesias, segundo o próprio escritor relata, anonimamente deixando-a para que as pessoas lessem, sem que soubessem a autoria.

Na década de 60, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde desbravou como “educador” em meio à ditadura militar, quando foi exilado e preso político. Apesar dos momentos difíceis, o escritor contribuiu para a formação de muitas pessoas, através da criação do supletivo. Formou-se em Administração, mas nunca deixou de lado o seu fascínio pela escrita.

Na década de 80, retorna à Paraíba para assumir o cargo de auditor fiscal do trabalho, reflexo de muita dedicação e estudo, pois passara no tão sonhado concurso público federal. Uma de suas características marcantes é a determinação. O escritor debruçou-se nos estudos, em busca da mudança de sua realidade, de garoto pobre que morou no mangue e pescou para sobreviver. Sendo assim, ele retorna à sua cidade natal como uma prova viva de que vale à pena debruçar-se nos livros e determinar-se a mudar a própria história. Segundo o escritor: “Foi através dessa viagem aos livros, que hoje estou aqui para confirmar, que o homem tudo pode. Ele pode mudar o seu meio, ele pode modificar a sua história.”

Depois do retorno à sua cidade Natal, o escritor continuou escrevendo as prosas e as poesias, e publicando suas obras. Entre suas publicações, estão: *O que resta dos mortos*, livro de conto, publicado em sua primeira edição pela editora A União, no ano de 1983, João Pessoa - PB. Em sua segunda edição foi intitulada: *Lo que queda de los muertos*, pela editora

Arte y Literatura, no ano de 1998, La Havana-Cuba. *Varadouro*, livro de poesia publicado em 1989, pela Almeida Gráfica, João Pessoa-PB. Em sua segunda edição, esse livro foi lançado em Cuba intitulado: *Varadouro – nacimiento de una ciudad*, pela editora Arte y Literatura, no ano de 1998. A sua terceira edição foi em 2003, pela Editora Universitária/UFPB. E a quarta edição em 2011, também pela Editora Universitária/UFPB. A obra *Exercício Lúdico - Invenções & Armadilha*, livro de poesia lançado pela editora Ideia, João Pessoa-PB, no ano de 1991. Sua segunda edição foi em uma versão na língua inglesa intitulado: *Emotional Training- creations & traps*, lançado no ano de 2003, pela editora A União, João Pessoa-PB. *Passagem Branca*, livro de poesia lançado em 2005, pela editora Dinâmica, João Pessoa-PB. *Objetos Indomáveis*, livro de poesia lançado em 2013, pela editora Mídia Gráfica, em João Pessoa (PB). Ainda em 2013, Políbio Alves vence o concurso Augusto dos Anjos, na categoria contos, tendo uma nova obra sua lançada em 2014, intitulada: *Os ratos Amestrados fazem acrobacias ao amanhecer*, pela Fundação Espaço Cultural da Paraíba, órgão promotor do concurso.

Além dessas obras, Políbio Alves publicou poemas e contos no *Correio das Artes* e no *Jornal A União*, João Pessoa-PB. Foi também editor de textos da revista, *Presença Literária*, de 1983 a 1985.

De sua produção destaca-se, como obra de maior repercussão mundial, o livro “*Varadouro*”. Este atravessou as fronteiras do Brasil nas bagagens de intelectuais paraibanos, entre eles, a professora da UFPB, Elizabeth Marinheiro, que, percebendo a riqueza de sua obra, divulgou o livro para além do Sanhauá, do Atlântico. Outro paraibano, responsável também pela sementeira desta obra pelo mundo, foi o escritor Carlos Alberto de Azevedo, que a levou para a Alemanha, divulgando-a na Universidade Livre de Berlim. Além da professora Doutora Roselis Batista Ralle, que atualmente estuda a obra de Políbio, em sala de aula na Universidade de Reims Champagne-Ardene, France.

O livro-poema publicado em 1989 faz sucesso até os dias atuais e traz repercussão pela forma singular de escrita. Em seus meandros, o poeta registra a alma do bairro Varadouro, bairro no qual passou parte da infância, onde viu desabrochar sua veia poética. As poesias retratam o universo físico do cenário entrelaçado à sua própria história de vida. Em Cuba, o livro “*Varadouro*” integra o acervo da Casa das Américas desde 1990. Na década de 90, a obra de Políbio entrou para o acervo da Casa do Brasil, em Madri, Espanha. Em 2000, o poeta ganhou destaque em uma coletânea publicada em Trento, na Itália, que reuniu mais de

400 autores de diversas nacionalidades. Em 2002, o poeta se destacou na Argentina, sendo um dos 120 finalistas do prêmio Nuevos Escritores Latino-americanos, da *Editorial Nuevo Ser*, que integraram uma coletânea editada em Buenos Aires.

Na perspectiva de desnudar a trajetória e o legado do escritor, seguimos desvendando as informações que permeiam o acervo dele. Descobrimos, desde o primeiro contato, a identidade que Políbio Alves assume enquanto arquivista de ofício, sua vontade de guarda não é suficiente para provar essa forte veia arquivística que o poeta assume. O acervo pessoal extremamente organizado de acordo com as tipologias e cronologia revela a identidade arquivística de Políbio. Nesse sentido, sabendo-se que ao longo da vida, as pessoas guardam documentos que testemunham momentos importantes, trazendo à tona suas relações pessoais, familiares e profissionais, seus gostos, interesses, hábitos, percebemos que a visão de Políbio vai além desses muros. Ele carrega consigo a necessidade de guardar à sua maneira e organização, a própria memória, registrada em recortes de jornais, fotografias, comendas, honrarias, gravações de áudio, vídeo, entre outros.

O escritor, poeta, contista, ficcionista, carpinteiro da palavra como disse Willian Costa, desenha em suas obras a realidade dele, uma mescla da denúncia social, de fatos históricos, de vida real, de ficção. Na poesia, ele traz uma magia de um épico diferente, aquele que nenhum outro escritor antes percebeu, a natureza revestida de beleza é, ao mesmo tempo, a heroína de sua lira.

Com a alma de arquivista, que o próprio produtor vincula à formação em administração, Políbio Alves acumula no arquivo pessoal, uma espécie de fonte confessional e, ao considerarmos a visão de Oliveira (2009), o Políbio enquanto acumulador de seus documentos torna-se escritor de si mesmo, possibilitando-nos acesso a seu itinerário, reflexo de como gostaria de ser (re)conhecido. Dessa forma, arquivar é conservar-se, é perceber em cada documento pessoal uma fonte de si próprio.

No desenvolver da dissertação, o acervo investigado funda-se como fonte confessional, aquela capaz de representar o Políbio Alves em suas mais variadas identidades. Conhecemos sua trajetória, que nem sempre foi de vitórias. Perspectiva percebida por meio de um apanhado arqueológico em que buscamos rastros, vestígios, na realidade, buscamos memórias, aquelas capazes de trazer à tona a história vivida pelo escritor, em uma linha tênue entre o lembrar e o esquecer (RICOUER, 2007), o que nos conduz a relembrar o que Bosi (1994) preconiza: o ato de lembrar não significa reviver os fatos tais como foram, implica

sim, em trazer à tona uma representação desses fatos, agregando a consciência atual daqueles que o viveram.

Para tanto, contamos não apenas com o arquivo enquanto uma escrita de si, como preconiza Foucault (1992), Gomes (2004), Klinger (2012) e, embora tenham sido traço essencial no desvendar da pesquisa, as histórias narradas pelo produtor e pelos entrevistados trouxeram ainda mais vivacidade no delineio dessa trajetória.

Nesse sentido, esta pesquisa visa possibilitar conhecer para além do cenário literário, a revelação de um Políbio Auditor Fiscal do Trabalho, um homem íntegro, comprometido, humano e tranquilo, como disse José Cleyber e Maria da Paz. Seus fractais estão sendo sendo revelados à medida que nos deparamos com os vestígios ainda que entrecortados. Dessa feita, faz-se necessário traçarmos uma rede, um entrelaçamento do mundo material, isto é, do seu acervo propriamente dito, com o mundo imaterial das histórias incutidas nos documentos, como também aquelas narradas pelo titular, e por outros atores envolvidos em sua história de vida.

Políbio Alves, no decorrer da vida, ocupou vários espaços através de percursos marcados por deslocamentos, desde o nascimento no bairro de Cruz das Armas, à ida a Ilha do Bispo, lugar de sofrimentos ou aprendizagens, mas também de encantamento, onde descobriu o Rio Sanhauá, o herói de sua poesia. O Varadouro foi sua terceira morada, onde entre bordéis, bares, luzes, vitrolas, um cenário deslumbrante, testemunhado pelo autor em períodos de sua infância nessa viagem da vida.

A palavra parece ser seu melhor brinquedo, e as poesias ressoam da imaginação ao papel. Possibilitando descortinar um poeta mirim, já se pode vislumbrar um escritor auditada da poesia, da palavra e da vida.

Nesse sentido, podemos afirmar que Políbio Alves segue arquivando a própria vida, conforme Artières (1998), enquanto prática de construção de si mesmo.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. In: **Estudos Históricos**: Arquivos Pessoais, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, p.9-34, 1998.

ASSIS, A. A. de. Um lampião dentro da mala: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco - memória e autobiografia, 2009. **Dissertação** (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de São João del-Rei(UFSJ), São João Del-Rei, 2009. Disponível

em:<http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/mestletras/DISSERTACOES/um_lampiao_dentro_da_mala.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2014.

BELLOTTTO, H. L. A imagem do arquivista na sociedade e o ensino da Arquivologia. **Arquivo & História**: Revista do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n.2, 1996.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **As regras da arte**. São Paulo. Companhia das letras, 1996.

COSTA E SILVA, R. da. Autobiografia, antibiografia e história. **Revista Brasileira**. Fase VII. Janeiro- Fevereiro-Março, 2011, Ano XVII, n. 66.

D'ARAÚJO, M.C. O fio da meada no dicionário de Vargas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. **Estudos Históricos**. vol.9, n. 17. 1996. p. 185-203.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

OLIVEIRA, B. M. J. F. de. **JOSÉ SIMEÃO**: escritos de uma trajetória. Tese de doutorado (Programa de Pós-graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. 2v.

RIBEIRO, R. J. Memórias de Si, ou... In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p.35-42, 1998.